

# Notas etnográficas sobre o jogo de vôlei na praia de Copacabana

## *Ethnographic notes about the volleyball games on Copacabana beach*

Mayara Gonzalez de Sá Lobato

Cientista Social formada pela Fundação Getulio Vargas (CPDOC/FGV);  
mestre em Sociologia e Antropologia pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais  
da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGSA/IFCS/UFRJ)

mayaralobato@hotmail.com

### RESUMO:

Este artigo faz parte da minha dissertação que tem como tema a relação do idoso com o bairro de Copacabana, localizado na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. O objetivo aqui é compreender melhor como se dá a relação dos idosos com o bairro, as redes de sociabilidade e o significado do envelhecimento, através da etnografia sobre um jogo de vôlei que é realizado todos os fins de semana nas areias da praia do bairro. Neste artigo é discutida a importância do vôlei para a formação de amizades no bairro, a praia como um espaço público de Copacabana importante para o estabelecimento dessas redes de sociabilidade e ainda como o envelhecimento afeta não apenas o jogo de vôlei, mas também a relação que os jogadores estabelecem entre si e com a prática do esporte.

**Palavras-chave:** sociabilidade; envelhecimento; Copacabana

### SUMMARY:

*This article is part of a thesis on the subject of the relationship of aged persons with the borough of Copacabana, located in the South Zone of the city of Rio de Janeiro. The objective is to better understand how this relationship with the borough is instilled, together with the concurrent sociability network and the significance of ageing by using an ethnography of a volleyball game that occurs every week-end on the beach that gives the borough its name. The article discusses the importance of volleyball for establishing the friendships within the borough, the beach as a public space for developing a sociability network and, furthermore, how ageing effects not only the actual volleyball game, but also the relationship the players establish between themselves and how they discern the practice of the sport.*

**Key words:** sociability; ageing; Copacabana

## Introdução

Este artigo faz parte da minha dissertação que tem como tema a relação do idoso com o bairro de Copacabana, localizado na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. Copacabana abriga a maior concentração de idosos do município: para cada 10 habitantes, cerca de três têm mais de 60 anos de idade. O bairro aparece em 1º lugar quando se trata de população idosa em termos absolutos, 43.431 pessoas com mais de 60 anos moram em Copacabana, como apontam os dados do último censo demográfico realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Nesse sentido, com o intuito de compreender melhor como se dá a relação dos idosos com o bairro, as redes de sociabilidade e o significado do envelhecimento, empreendi um trabalho etnográfico sobre um jogo de vôlei que é realizado todos os fins de semana nas areias da praia do bairro. Observei os jogos. conversei com os jogadores e com os expectadores. Entrevistei diferentes pessoas em faixas etárias distintas e moradores de diversos bairros, mas majoritariamente moradores de Copacabana. Para a conversa, utilizei um questionário e um roteiro de entrevista. Este artigo é o resultado da pesquisa que realizei entre agosto de 2011 e abril de 2012.

## A rede, o jogo e os jogadores

A rede de vôlei de praia que observei se localiza em frente à rua Francisco Sá. Seu nome é Rede de Vôlei de Praia Maranhão. Consultei também o blog da rede no qual foi possível coletar algumas informações para este artigo.

Os jogadores são muito diferentes entre si. Uma mulher obesa se destaca por não apresentar o corpo escultural que geralmente se espera ver na praia. Ela não tenta esconder o corpo, pois se veste com um top e um short curto. Em dias de sol forte as mulheres jogam de biquíni, algumas usando o chamado “fio dental”, extremamente cavado na parte de trás. Os homens também exibem seus corpos de sunga ou shorts, muitos inclusive são obesos.

Para mostrar a heterogeneidade dos times apresento alguns exemplos de formação: mulher, magra, cerca de 30 anos de idade; dois homens, em forma, entre 50 e 60 anos de idade; um homem, também em forma, aparentando 70 anos. As idades são aproximadas e as estabeleço de acordo com alguns critérios, em razão da impossibilidade de perguntar as idades em momento anterior ao das entrevistas. Esses critérios seriam: cor dos cabelos, aparência física, rugas, entre outros. Em boa forma considero aqueles que não apresentam sinais de obesidade, mas que também não poderíamos dizer que seriam magros.

## Pensando o jogo: cultura e lazer em Copacabana

Johan Huizinga em *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura* (2007), escrito em 1938, afirma que o jogo não é um fenômeno exclusivo do ser humano, mas que os animais

também o compartilham. É anterior ao desenvolvimento da cultura, tendo esta evoluído a partir do jogo. Um dos principais elementos a ser destacado acerca do jogo é que ele ultrapassa os limites do físico e do biológico, sendo dotado de sentido. O autor procura analisar o jogo em sua irracionalidade, mas exercendo função social.

Utilizo aqui o que propõe Huizinga para pensar o jogo de vôlei que é praticado na praia de Copacabana. Além de ser uma atividade importante para o condicionamento físico, para a saúde e para a manutenção do corpo em forma – como defendem médicos, preparadores físicos, a mídia – o jogo também cumpre uma função social. Ele integra os moradores do bairro, traz uma nova atividade para aqueles que já se aposentaram, reúne pessoas de diversas gerações.

Segundo um dos entrevistados, Ricardo, a rede é agregadora. Após se mudar para Copacabana, aos 68 anos de idade, passou a observar a rede quando ia à praia. Até que um dia foi convidado para jogar e foi aos poucos inserindo-se no grupo. Outro entrevistado, Sérgio, informou ter acontecido o mesmo com ele. Assim, acredito que a rede de vôlei é um espaço propício para a formação de novas amizades, considerando que seus membros procuram agregar novos participantes.

Para Huizinga, a ação humana deve ser compreendida em seu sentido lúdico. O homem produz cultura, constrói sentido e significados e é esse elemento que o torna homem enquanto tal. O jogo seria interpretado como fenômeno da cultura, sendo esta apreendida como discurso significante acerca da sociedade. Se o homem é animal cultural, sua primeira manifestação é o jogo. O autor considera que o jogo possui uma dupla acepção: o elemento lúdico presente no homem e sua expressão através do jogo em si.

O jogo de vôlei na praia de Copacabana pode ser considerado uma manifestação da cultura carioca. O uso da praia como espaço de lazer e prática de esportes não foi sempre óbvio. A praia somente começou a ser frequentada para o banho de mar após a transmissão da ideia de que o banho poderia trazer benefícios medicinais, sendo esta uma influência europeia. Além do mais, o uso da praia como espaço público somente foi possível através de uma mudança na mentalidade da população carioca no início do século XX.

A Reforma Pereira Passos (1902-1906) significou não apenas um processo de remodelação urbanística influenciada pelo modelo francês. A Reforma também trazia para a cidade modificações de cunho social e cultural. Os espaços públicos que antes não ganhavam a atenção da população começaram a ser frequentados:

O mau cheiro, o tráfego intenso, barulhento e perigoso das carroças, além das péssimas condições de pavimentação das ruas, eram outros aspectos negativos que refutavam a ideia de uma aproximação da população ao espaço público, local que, à época, demandava uma organização social (MATOS, 2006, p. 7).

A resolução, ou ao menos a amenização de todos esses problemas, provocou uma nova forma de vivenciar a cidade do Rio de Janeiro. Pensando de acordo com Huizinga, que sugere que o jogo é um fenômeno da cultura, o início do jogo de vôlei na praia foi resultado das transformações culturais pelas quais passava a sociedade carioca. A presença em espaços públicos, o desenvolvimento do banho de mar, a chegada dos bondes e o deslocamento da população do Centro para a orla foram fatores importantes para que a praia se transformasse em um espaço de lazer e de prática de esportes. O vôlei de praia foi um esporte que se tornou possível através dessas mudanças culturais e sociais.

Huizinga caracteriza o jogo como sendo uma atividade voluntária, uma forma de se esvaír da vida real, não pertencendo à vida comum, em razão do lugar que ocupa e à sua duração. Possui o elemento da alegria e da tensão, além de estar desvinculado de interesses materiais. Seu fim é um fim em si mesmo. Possui regras, criando, assim, uma ordem. Um dos elementos que Huizinga analisa é a imagem do jogo como sendo “não sério” elaborada por seus jogadores e espectadores.

O autor compara o jogo ao culto e aos rituais e afirma que: “A frivolidade e o êxtase são os dois polos que limitam o âmbito do jogo” (HUIZINGA, 2007, p. 24); destacando assim os elementos comuns a esses fenômenos. Para o autor: “O conceito de jogo enquanto tal é de ordem mais elevada do que o de seriedade. Porque a seriedade procura excluir o jogo, ao passo que o jogo pode muito bem incluir a seriedade” (p. 51).

O jogo de vôlei praticado em Copacabana pode ser pensado a partir das características propostas por esse autor. O jogo que frequentei ocorria apenas nos fins de semana o que corrobora a ideia de uma atividade que não pertence ao cotidiano daquelas pessoas, aliando-se ao fato de que ocorre fora de suas casas e de suas rotinas. Esvair-se da vida real certamente é um dos objetivos dos que ali se encontram. Segundo Carlos, um dos entrevistados: “A praia é uma válvula de escape, uma terapia muito importante”. Para ele, as pessoas que participam do jogo de vôlei estão ali para extravasar, sair da rotina. Perguntei a Maria, 47 anos, se ela se importava com a idade dos outros jogadores. Ela afirmou que não e declarou qual era seu propósito ao frequentar a rede: “Eu venho aqui pra me divertir. Eu já fui atleta, eu não sou mais, eu quero é *brincar*. Eu sinto até prazer em jogar com os mais velhos, eu vejo o prazer que a gente proporciona para eles”. Destaco na fala da entrevistada o elemento lúdico da brincadeira, que se contrapõe ao cotidiano e à seriedade.

Perguntei ainda a Maria o que significava ser uma pessoa que jogava bem o jogo de vôlei. Ela afirmou que era necessário respeitar os jogadores. Indaguei se todos os frequentadores daquela rede se respeitavam. Ela declarou: “Alguns sim, outros não. Outros parecem que estão jogando o jogo da vida e que é o último jogo. Parece que está valendo milhões de dólares. Eu não gosto desse tipo de comportamento. Se eu estou aqui, eu quero brincar, não quero cobrar de ninguém”. Percebe-se, portanto, como a atitude em relação ao jogo pode variar de jogador para jogador.

Observando os risos e o tom de seriedade expressos em alguns momentos do jogo, percebi que o jogo oscila entre momentos de grande descontração, e outros de grande competitividade. As pessoas torcem, gritam, comemoram pontos, se abraçam e se beijam. Ao mesmo tempo, em um dos dias de campo, ouvi um senhor reclamar do jogo, dizendo que “não tinha graça” jogar quando duas pessoas não jogam bem. Não bastava para esse senhor ganhar o jogo; ele acreditava que seus oponentes deveriam apresentar as características de bons jogadores para que então o jogo pudesse se tornar competitivo.

Para Elias e Dunning: “Os jogos que não satisfazem são, por exemplo, aqueles em que uma equipa é tão superior à outra que a tensão está ausente; sabe-se, de antemão, quem vai ganhar. Dificilmente existe aí qualquer surpresa e sem ela não há excitação. As pessoas não sentem grande prazer em semelhante jogo” (ELIAS e DUNNING, 1991, p. 134).

Esse mesmo senhor, com cerca de 60 anos, diz que já tem até torcida, na intenção de ressaltar suas qualidades como jogador, qualidades estas não apenas técnicas, mas também sociais. O clima é de descontração entre os participantes – os que assistem e os que jogam – mas estes não se esquecem que ali participam de uma atividade lúdica em que há perdedores e ganhadores. Os bons jogadores adquirem prestígio social entre os participantes, demonstrando o caráter de competição do jogo.

Carlos disse que os bons jogadores são sempre chamados para uma partida, tornando-se populares. A popularidade, segundo ele, também pode levar à vaidade, satisfazendo o ego de quem é assim considerado popular. Para ele, para ser um bom jogador, é muito importante treinar. Já para Marcelo, de 18 anos, um bom jogador é aquele que ocupa o espaço da quadra, bate qualquer tipo de bola.

Elias e Dunning (1991) refletiram sobre a função social que a excitação cumpre, fazendo uma análise sobre os momentos de lazer em contraposição aos momentos de trabalho. Para os autores:

Para muitas pessoas não é apenas na sua vida profissional, mas também nas suas vidas privadas, que um dia é igual ao outro. Para muitas delas nunca acontece nada de interessante, nada de novo. (...) As atividades de lazer proporcionam, por um breve tempo, a erupção de sentimentos agradáveis fortes que, com frequência, estão ausentes nas suas rotinas habituais da vida. A sua função não é simplesmente, como muitas vezes se pensa, uma libertação das tensões, mas a renovação dessa medida de tensão, que é um ingrediente essencial da saúde mental. O caráter essencial do seu efeito catártico é a restauração do tônus mental normal através de uma perturbação temporária e passageira da excitação agradável (ELIAS e DUNNING, 1991, p. 137 e 138)

Essa análise se assemelha à proposta de Huizinga, que sugere que o jogo é uma forma de se esvaír da vida real da rotina que as pessoas cumprem todos os dias. O que observei em meu trabalho de campo na praia de Copacabana foi exatamente essa busca pela excitação. Apesar de os jogadores morarem perto da praia e terem a rede de vôlei sempre disponível, os encontros ocorrem apenas nos fins de semana, dias em que fogem da rotina.

Hermano Vianna (1997) elaborou sua dissertação de mestrado sobre os bailes funks do Rio de Janeiro, na década de 1980. Através de uma etnografia dos bailes funks, o autor utilizou a concepção de lazer como uma forma de “escapar” da vida séria que os indivíduos têm no período de segunda-feira a sexta-feira. O lazer das festas, no caso os bailes funks, possui a função social de motivar os indivíduos a retornarem às suas rotinas, imprescindíveis para o bom funcionamento da sociedade.

O estudo realizado por Vianna mapeia os bailes realizados na cidade, compreendendo-se, assim, a dimensão do fenômeno funk no Rio de Janeiro. Pode-se, com seu estudo entender melhor uma das atividades de lazer prediletas de milhares de jovens cariocas. O autor destaca a singularidade do fenômeno ao afirmar que nenhuma atividade de lazer na cidade possui a capacidade de reunir, com tanta frequência, tantas pessoas.

O calçadão da praia de Copacabana, onde o jogo de vôlei acontece, com seus 4,15 km de extensão, é um espaço público da cidade que possibilita a vivência máxima desses momentos de lazer fundamentais para o ordenamento social. Espaço democrático, todos podem desfrutar da praia, seja alugando cadeiras ou barracas ou levando de casa, seja consumindo nos quiosques ou levando seu próprio sanduíche e bebida. A orla de Copacabana atrai turistas de todo o mundo, proporciona um espaço de lazer e de prática de esportes para todos os cariocas, sedia eventos e jogos nacionais e internacionais, entre outros. O espaço de lazer vai desde o mar, passando pela areia da praia, chegando até os quiosques da orla, a ciclovia, ao canteiro central com sua feirinha de artesanato e *souvenir* realizada à noite e finalizando nos restaurantes, bares e hotéis da calçada.

Carlos disse que o bairro de Copacabana tem como diferencial, em relação aos outros, a oferta de diversão gratuita. Para se divertir no bairro, segundo ele, não é preciso gastar muito. Cita como exemplo um bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro, o Méier. Para o pesquisado, esse já seria um bairro em que se tem a necessidade de gastar para se divertir. Acrescentou ainda que Copacabana é um bairro onde não é necessário ir a clubes, a praia substituiria essa forma de diversão privada e que requer pagamento.

Antonio disse que se mudou contrariado para Copacabana. Morava em Niterói e, ao se aposentar, sua esposa sugeriu que se mudassem para a Zona Sul da cidade. Ela escolheu Copacabana e ele afirma que foi a melhor coisa que lhe aconteceu: “Um prêmio a mais na aposentadoria”. Perguntei o que ele percebia como aspectos positivos do bairro. Ele parou, olhou em volta, apontou para a praia e disse:

Meu quintal de 4 km, recebo vários visitantes, meu ‘quintalão’. Acho que a Zona Sul tem um privilégio melhor pra condução, segurança. Então isso tudo me atraiu bastante. Proximidade de espetáculos, shows. Eu posso ir a teatro, cinema, ou a pé ou de táxi, pertinho. Renunciei ao carro quando vim pra cá. Melhorou muito o meu padrão de vida, meu padrão de vida melhorou muito mesmo, foi ótimo.

## Sociabilidade, amizade e envelhecimento

O jogo de vôlei que observei era muito ágil e dinâmico: a bola ia de um lado da rede para o outro com força, jogadores corriam para alcançar a bola, se jogavam na areia, caíam... Um senhor de cerca de 70 anos corre para tentar pegar a bola, se joga na areia, mas não consegue. No mesmo momento, um companheiro do time o pega pela mão ajudando-o a se levantar. Essa cena se repetiu em diversos dias, em diferentes jogos. Os membros de um time demonstram companheirismo e cumprimentam os esforços daqueles com quem jogam. Ao mesmo tempo, celebram juntos com palmas e cumprimentos o ponto marcado.

Um dos entrevistados, Ricardo, disse que, apesar de umas pessoas serem melhores jogadoras do que outras, ninguém ridiculariza ninguém por não saber jogar, o respeito é muito importante na rede. Diz que gosta de jogar, que é bastante competitivo, mas que a amizade é mais importante. Ganhar é importante, mas não o mais importante durante o jogo.

Conversando com Antonio, 73 anos, perguntei se ele preferia jogar com pessoas que fossem da sua idade, mais novas ou se a idade era indiferente para a sua preferência de jogo.

Antonio - Eu gosto de jogar com pessoas que deixam eu jogar. Esse negócio de jogar com pessoas que ficam me cobrindo, ficam achando que eu não vou dar conta, que não me dão oportunidade... (Tem pessoas assim?) Antonio - Tem, tem... Infelizmente o negócio aqui é ganhar. Eu acho que ganhar ainda é importante, mas o importante também é deixar todo mundo jogar, todo mundo brincar. Dar oportunidade a todos. Se não você vai perdendo o ritmo também. Você entra no campo e começa a ser coberto... Eu já participei de partida aqui que eu não toquei na bola, só saquei. Isso chateia um pouco, mas o que você vai fazer? São ossos do ofício.

Enquanto um entrevistado afirmou que acima da competitividade está a amizade na rede, outro destacou que nem sempre isso acontece. Apontou para algumas pessoas de mais idade que podem ser excluídas do jogo, por receio dos outros participantes de que elas venham a atrapalhar a partida.

Por meio das minhas observações, percebi que esse esporte praticado na praia de Copacabana proporciona um ambiente amigável, ainda que competitivo. Diferentes gerações participam de um jogo em um ambiente que, em um primeiro momento, parece harmonioso. Apesar de ser uma disputa, não presenciei brigas ou discussões. O mesmo não poderia dizer do jogo de cartas que observei na Praça Serzedelo Correia. As brigas e discussões em voz alta eram muito frequentes na praça, inclusive com acusações entre os jogadores de que estavam roubando no jogo.

No entanto, deve-se destacar que um ambiente com 40 ou 50 adeptos, como me informou Carlos, não está livre de conflitos. Carlos me disse que na rede existem muitos “tipos”: os palhaços, os legais, os inconvenientes. Os inconvenientes tendem a serem afastados aos poucos do grupo. São aqueles que ultrapassam os limites das brincadeiras, não sabem se comportar, só querem aparecer.

Um dia presenciei um dos participantes reclamando do outro, dizendo que foi cumprimentar sua mulher como faz com todos os outros jogadores e que foi agredido verbalmente com palavrões pelo “inconveniente”. Os amigos que ouviam a história logo disseram: “Deixe para lá”, e dirigiram-se a mim informando que há alguns conflitos na rede sim, mas que são raros.

O jogo de vôlei, mesmo que competitivo, inclui uma parceria entre os quatro membros de um time contra o time adversário. Como esses times não são fixos, o adversário do jogo de agora poderá ser o parceiro no próximo jogo. Acreditava, como hipótese de pesquisa, que essa rotatividade impedisse a formação de “panelinhas”. A rotatividade favoreceria o contato entre os diversos participantes da rede, criando vínculos entre eles e também um ambiente amistoso. No entanto, meu entrevistado Carlos disse que existem sim “panelinhas”, pessoas que se encontram com mais frequência fora do ambiente da rede. Mas disse que isso é normal e que não prejudica a boa convivência de todos.

Roberto, 65 anos, mora em Ipanema e é um dos organizadores da rede. Perguntei sobre os conflitos e amizades da rede e ele declarou que nunca houve nada sério.

Roberto - Nessa rede nunca ninguém saiu no tapa com ninguém. Eu sou uma das pessoas mais briguentas daqui. Mas existe uma regra: não pode passar da rede. Se quer discutir, discute você com seu time aqui. Não pode sair, atravessar. Acabou o jogo vai todo mundo pra casa. Acabou o jogo acabou. (Por que você acha que tem essa amizade nessa rede? Você acha que é específica dessa rede?)

Roberto - Não. Essa rede aqui, inclusive, apesar de ter alguns contatos sociais, tipo jantar de fim de ano, quatro torneios anuais e a gente comemora os aniversários de todos do mês em um dia só e cada um traz uma coisinha, a rede não é socialmente unida. Porque tem vários grupos, porque tem gente que é do Flamengo, não são todos de Copacabana. Então, por exemplo, eu tenho o meu grupo: meu grupo ou bebe aqui, ou bebe ali, bebe ali.

Apresento a ideia de que o ambiente da praia é favorável à formação de redes de amizade e sociabilidade. O clima de descontração, o sol, o mar e a fuga da rotina são elementos que compõem esse cenário. Além do mais, há uma grande disponibilidade de equipamentos para que isso ocorra, como os bares e quiosques, o calçadão para se caminhar, a ciclovia para andar de bicicleta, o mar para nadar, as redes para se jogar vôlei, o frescobol, o futebol e outros esportes. A praia de Copacabana como um todo oferece ampla possibilidade para a formação de grupos de amigos.

Os idosos, às vezes sozinhos por serem viúvos, aposentados ou divorciados, também utilizam a praia com essa intenção. A grande maioria realiza caminhadas no calçadão, outros tomam água de coco nos quiosques e há ainda aqueles que praticam esportes, como os que observei na rede. O que pude notar durante o trabalho de campo é que alguns deles não jogam vôlei, apenas sentam, conversam com outras pessoas ou com os funcionários do quiosque, observam o jogo e fazem comentários sobre ele ou sobre outros assuntos. A rede



de vôlei não era utilizada somente como um espaço para a prática do esporte, mas também como um espaço de socialização.

Analisando o blog da rede pude observar a organização dos torneios, as fotos publicadas, a expectativa com relação à chegada do fim de semana e também alguns relatos sobre a sua programação. O *post* demonstra que os encontros aos sábados e domingos extrapolam a prática do esporte, tornando-se também um espaço de convivência:

A rede está bombando... E ninguém segura. Neste fim de semana a rede se consolidou. Apesar do mau tempo carregado de chuviscos e ausência do astro-rei, o vôlei rolou das 8 às 15 horas. Quase trinta jogadores compareceram no sábado e mais de vinte no domingo. Insisto, apesar do mau tempo. Rolou papo, brincadeiras e a impressionante tranquilidade demonstrando o alto grau de amizade reinante. Tivemos tempo até pra pensar em um churrasco de confraternização no mês de maio. Se vingar, é só aguardar mais detalhes. Parabéns a todos e 'inté' sábado/domingo.

O blog também mostrou como o jogo de vôlei ultrapassa os limites físicos da quadra localizada na areia da praia. Fotos de encontros de fim de ano são divulgadas no blog, mostrando os participantes da rede em um momento em que o jogo não é a atividade principal, e sim a conversa, o afeto, o riso... As fotos mostram pessoas abraçadas, rindo, de mãos dadas. Percebe-se também pessoas de diferentes gerações em uma mesma mesa de bar/restaurante, confraternizando e interagindo.

## **Envelhecimento no jogo de vôlei e em Copacabana**

Gostaria de destacar como não há uma preocupação com a exposição do corpo envelhecido na praia por parte dos jogadores. É comum durante os jogos observar os jogadores sem camisa, de sunga ou biquíni, exibindo corpos que não são considerados pela sociedade carioca como atraentes.

Para Mirian Goldenberg (2008) o corpo na cidade do Rio de Janeiro é um capital. No jogo de vôlei praticado na rede analisada, o corpo não é um capital e não possui importância no momento do jogo. Nenhum participante é escolhido para um time por ser mais sarado ou estar em melhor forma. O que é relevante na rede é o jogo em si e a sociabilidade. Ter um companheiro de jogo que saiba jogar e demonstre entusiasmo e ao mesmo tempo seja uma pessoa agradável para se compartilhar uma manhã de sábado, com quem se possa conversar nos intervalos das partidas, são os requisitos determinantes para se participar da rede. As pessoas “inconvenientes”, como já apontei, tendem a ser afastadas do grupo.

No entanto, deve-se destacar que essa talvez seja uma peculiaridade dessa rede. Em outras, principalmente na praia de Ipanema, mais frequentada por jovens, é comum encontrar apenas pessoas dessa mesma geração jogando em determinada rede. A exibição do corpo envelhecido e o estabelecimento de relações intergeracionais não é uma característica de todas as redes de vôlei ou da prática de outros esportes pela orla carioca.

Carlos afirmou que gosta de ir à praia para ver corpos bonitos. Segundo ele: “Não apenas ver, mas também sentir, cheirar”. Os outros homens que estavam na mesa, rindo, concordaram com ele. Carlos ainda destacou que “A rede é um imã, um polo de atração de relacionamentos”. Para ele, ali, o tema central é a rede, o jogo, mas algumas pessoas se conhecem, se casam. Outras se mudam, mas criam relações com a rede e sempre que estão na cidade vão até lá jogar. Mencionou que os participantes estão considerando organizar um encontro de música, pois muitas pessoas da rede sabem tocar algum tipo de instrumento. Também disse que, geralmente após o jogo, alguns participantes se encontram em um bar ali perto para tomar cerveja e conversar.

Refletindo sobre as relações estabelecidas entre pessoas jovens e idosas, gostaria de acrescentar que não há disputas entre as gerações. Durante o trabalho de campo não presenciei a formação de times apenas de pessoas jovens ou apenas de pessoas idosas. A integração era total. Os times apresentavam jogadores de todas as idades disputando entre si.

Ao contrário do que geralmente se espera, os jovens não eram mais bem-sucedidos do que os idosos. O vôlei parece ser um jogo no qual o vigor físico não é o requisito essencial para ser um bom jogador. Estratégia e também determinação são fatores importantes a serem considerados. Com frequência observei homens com cerca de 70 anos se jogando na areia para não deixar que o time oponente marcasse ponto.

Entrevistei Ricardo, 81 anos, que estava observando o jogo. Perguntei se ele só observava ou também jogava. Disse que atualmente apenas assiste, pois está machucado no ombro. Costumava jogar com pessoas mais novas e tentava acompanhar o ritmo delas, por isso acabou se machucando. Perguntei se achava que a idade atrapalhava, ajudava ou era indiferente durante o jogo. Ele acredita que normalmente a idade atrapalha por causa da diminuição da capacidade física, mas também diz que é um jogo de inteligência: “Quando a pessoa usa a inteligência no jogo, se torna um ótimo jogador”. Por outro lado, fiz a mesma pergunta a um jovem de 18 anos que respondeu que a idade pode ajudar durante o jogo, mas às vezes o excesso de agilidade e afobação pode atrapalhar. A pessoa mais velha, na visão do entrevistado, seria mais inteligente, sabendo conduzir melhor o jogo.

Perguntei a Claudia, 55 anos, se ela percebia mudanças na prática do esporte ao longo do tempo, considerando que ela jogava desde os 13 anos.

Eu estou envelhecendo e claro que já tive, vamos dizer assim, segurança em jogar vôlei, eu sabia mais das minhas qualidades. Mas você pega peso com o tempo, menopausa, essas coisas todas atrapalham e fazem com que você perca a agilidade. Então, você fica mais vagarosa, você não tem tanta... A cabeça quer, mas o corpo não faz. Então você vai perdendo ao longo do tempo, vai perdendo sim... O importante é você não desistir e tentar fazer sempre o melhor possível.

Roberto, 65 anos, considera que cada um tem que entender suas limitações. Perguntei a ele, que estava sentado, o motivo de não estar jogando. Respondeu que estava com problema

no coração e que naquele dia não estava se sentindo muito bem, preferindo então descansar. Perguntei até quantos anos ele pretendia continuar jogando. “Não, isso já não me pertence mais. Eu acho que é melhor você entender que a vida são ciclos, são momentos. Meu momento de vôlei está acabando, meu momento agora é curtir meu neto, não deixar de vir à praia, curtir o bar já sem bebida. Porque a bebida com os remédios dá reação. E vai levando.”

Juventude e velhice são, segundo os entrevistados, quesitos importantes para uma pessoa ser considerada boa jogadora. A juventude proporciona a agilidade, o vigor físico e a disposição. A velhice, por outro lado, proporciona a inteligência, a experiência e a maturidade.

Pode-se pensar que talvez um dos atrativos para que os idosos frequentem essa rede de vôlei seja justamente o fato de ser um ambiente em que ser mais velho não acarreta nenhum tipo de preconceito ou desvantagem, a experiência com o tipo de esporte que é praticado pode trazer prestígio entre os participantes. Sentados à mesa, os idosos me apontavam no jogo quem se destacava, sendo considerado bom jogador. Ao mesmo tempo, ainda que a pessoa não vá mais jogar, como é o caso de alguns entrevistados, eles ainda podem conversar, tomar uma bebida no quiosque, reencontrar velhos amigos.

Antonio afirmou que a idade atrapalhava sim o jogo e ainda ressaltou como a pessoa mais velha se situa em relação aos companheiros de jogo.

Atrapalha. Eu jogava dupla, agora eu jogo só quadra porque eu acho que já não tenho o ritmo que tinha. Por isso eu acho que atrapalha, você perde um pouquinho de mobilidade, você perde ritmo. Então, isso é muito importante no voleibol. Eu acho que você gera desconfiança no grupo por causa da idade. É um problema sério isso aí, me afeta bastante. Mas tudo bem, eu vou enfrentando as situações.

No entanto, conversei com Fernando sobre o efeito da idade no jogo e ele também afirmou que atrapalhava. Um senhor que estava sentado ao seu lado mencionou a relatividade do fator etário. Durante a conversa, Fernando aponta para um senhor que era treinador de times de vôlei e que jogava muito bem.

Fernando - A idade faz com que a pessoa seja mais lenta nos seus movimentos. Mas a gente sabe que é assim, que todos nós vamos ser.

Desconhecido - É muito relativo, tem muita gente de muito mais idade que joga muito mais que gente nova.

Fernando - Como eu falei, aquele de cabeça branca ali é um terror, um terror.

Desconhecido - Vai fazer 70.

Fernando - E joga muito. Já esse senhor que joga aqui, que é bem jovem, joga muito mal. [risos].

A rede de vôlei proporciona prazer aos seus participantes, como pude constatar pela fala de Carlos. Para ele, a “turma é uma família”. Mesmo o foco da rede sendo o jogo, o relacionamento é extremamente importante para a sua continuidade. Perguntei a ele qual a importância daquelas pessoas para que ele frequentasse a rede. Ele disse que o relacionamento

entre as pessoas da rede é importante. Se não conhecesse direito as pessoas se sentiria um peixe fora d'água. Para ele, toda rede de vôlei é especial quando a pessoa está entrosada com os outros participantes, é isso que a torna diferente das outras.

O conhecimento é fundamental para a participação na rede. Carlos mencionou que um grupo de seis pessoas sustenta financeiramente a rede, visto que é necessário o pagamento para a Prefeitura para que se possa ter a licença para usar aquele espaço físico da praia. Disse que eles pagam para poder determinar quem pode e quem não pode jogar. Perguntei o motivo pelo qual não dividiam o valor entre todos os adeptos e ele me respondeu que assim não funcionava, pois todos acabavam se sentindo “donos” da rede querendo impor sua opinião.

Assim, para participar do grupo é necessário chegar, observar, se aproximar, conhecer, ser convidado e aos poucos ir se integrando. Sérgio confirmou a informação, dizendo que chegava, observava, até que um dia foi chamado para jogar. Disse que se sentiu acolhido pelo grupo e assim foi se integrando. Portanto, participar da rede é uma questão de relacionamento.

Quase não há mulheres idosas jogando vôlei. A média da idade das mulheres é muito inferior à dos homens. Acredito que este dado não signifique que as mulheres idosas não pratiquem esse tipo de esporte. Clarice Peixoto (1995) lembrou que uma das precursoras do vôlei de praia em Copacabana era justamente uma mulher, Tia Leah. Esta rede, em especial, apresenta essa característica. Para poder afirmar que a prática do jogo de vôlei de praia é um esporte majoritariamente masculino, seria necessário realizar um estudo com as outras redes de vôlei, não apenas em Copacabana, mas também em outros bairros da orla.

Indaguei a Carlos sua opinião sobre a pouca presença feminina na rede. Ele disse que não sabia responder corretamente, mas achava que era porque mulheres gostam mais de conversar, que a sociabilidade é mais importante para a mulher do que o lado esportivo do jogo. Além do mais, acreditava que o homem poderia ter mais preparo físico que a mulher. Perguntei a Ricardo se sua mulher não frequentava a rede de vôlei. Ele disse que sua mulher tinha o grupo de amigas do Leblon, que embora se mudando continuou com as mesmas amigas do bairro. A sociabilidade é destacada por ele como uma preferência dela, que também não joga.

Perguntei a Joana se ela achava que na rede havia a mesma quantidade de homens que de mulheres e ela afirmou que não, que tem menos mulheres. Disse, ainda, que na rede em que joga vôlei em Niterói era a única mulher. Indaguei qual seria a razão desse fenômeno e ela afirmou: “Por causa da idade: mulher vai ficando mais velha e não consegue participar das redes, porque fica fora do nível”.

Conversando com Fernando e Roberto, ambos afirmaram que suas mulheres não frequentavam a rede, porque não gostavam de jogar vôlei. Preferiam fazer outras atividades com seus grupos de amigas. No entanto, também conversei com Rosa, 81 anos, que apenas assistia ao jogo, mas que disse ser apaixonada pelo esporte e que sempre que pode assiste pela televisão ou pessoalmente.

Essa relação mais forte entre mulher e sociabilidade e homem e competitividade se assemelha à observação analisada na Praça Serzedelo Correia, em Copacabana. As pessoas que jogavam cartas e damas eram, em sua quase totalidade, homens. As mulheres que frequentavam a praça geralmente se encontravam em rodas de conversa. Assim, nos dois ambientes observados de sociabilidade em Copacabana, a prática do jogo e da competição não parece pertencer ao universo feminino. No entanto, devemos compreender a especificidade e a individualidade do sujeito idoso. Uma entrevistada informou, como já apontei anteriormente, que sente muita falta do Bingo Arpoador e que, quando pode, viaja para fora do país para ir a cassinos e apostar. Não se pode concluir, portanto, que o elemento lúdico não faz parte da vida da mulher idosa.

Gastaldo e Braga (2011) discutiram a relação entre gênero e competitividade. Para os autores, as representações e práticas corporais variam entre sociedades e também dentro de uma sociedade complexa, como é o caso da brasileira. Citam exemplos de como em sociedades tribais a competitividade é exacerbada entre os homens. Em seguida, demonstram como em nossa sociedade a afirmação do que é “ser homem” e o estabelecimento da identidade masculina também é perpassada pela competitividade. Para os autores:

Além dos jogos infantis, a prática de esportes diversos por crianças e adolescentes também representa, por vezes, uma forma de construir socialmente a identidade masculina, podendo-se relacionar os feitos esportivos e o desempenho individual em atividades esportivas em geral como possíveis parâmetros de uma mensuração da masculinidade entre meninos, uma maneira de instituir uma espécie de hierarquia da masculinidade pela via do desempenho individual nas práticas esportivas (GASTALDO e BRAGA, 2011, p. 885).

Com base na proposta dos autores pode-se pensar em que medida essa baixa participação feminina nos jogos de vôlei não é resultado de um processo sociocultural que incentiva e exagera a prática de esportes e atividades competitivas entre os homens.

Um dos entrevistados levantou a questão da transmissão geracional na rede de vôlei. Carlos disse que na rede a prática do esporte passa de geração a geração. Os pais trazem os filhos que assistem e passam a jogar. Foi o caso do meu entrevistado, Marcelo, que também informou que um dos principais motivos para frequentar aquela rede especificamente é ficar mais próximo do pai, que foi quem o incentivou a jogar. Quando estive lá, presenciei um homem com cerca de 50 anos com duas crianças, que já olhavam atentas para o jogo de vôlei.

Carlos disse que é sempre bom renovar, por isso é interessante que pessoas jovens joguem com pessoas mais velhas. Perguntei a Marcelo, meu entrevistado de 18 anos, até que idade gostaria de jogar. Ele questiona se quando ficar mais velho vai jogar o mesmo nível de jogo que joga hoje em dia, ou seja, se vai ter a mesma disposição. Diz que não gostaria de atrapalhar os outros companheiros de time. Pergunto, ainda, se inveja alguma coisa nos jogadores mais velhos. Responde que não inveja nada. Para ele, ser velho é estar limitado a

não fazer as coisas que poderia fazer antes. Diz que deve ser horrível. Percebe como o pai, que está envelhecendo, já possui algumas limitações. Para ele, a pessoa idosa deve “se mancar, ter limite, entender que alguns jogos ela já não pode acompanhar, ver até onde ela pode ir”. Mas também acredita que é um esporte mental.

Percebo na fala de Marcelo que sua percepção sobre o envelhecimento está relacionada ao envelhecimento que traz perdas, que pode dificultar o jogo e atrapalhar o time. Apesar de reconhecer que o jogo de vôlei é também um “esporte mental”, acredita que a velhice impõe alguns limites ao jogador e que este deve saber reconhecer a hora de parar, ou seja, “se mancar”.

Perguntei a Fabiana, 19 anos, se ela achava que a idade atrapalhava as pessoas mais velhas e se poderia ajudar no caso de pessoas mais jovens. “A idade atrapalha, sim, porque as pessoas têm as suas limitações. Eu não posso exigir que um senhor de 60 anos corra o que eu corro ou que ele faça algo que eu faço. Então, às vezes atrapalha, porque tem uma bola que para mim é fácil de pegar e que eles não pegam. Mas é por causa da idade. Isso atrapalha, mas eu também não critico não, porque eu respeito a limitação de idade deles”.

Fabiana também destaca as dificuldades das pessoas idosas, mas ao mesmo tempo aponta para a necessidade de compreensão e respeito por parte dos jogadores. Katie, 24 anos, norte-americana que mora no Brasil há um ano, destaca a surpresa que teve com a disposição dos idosos brasileiros: “Fiquei impressionada com as pessoas daqui. Meus pais, nos Estados Unidos, são muito ativos pela idade deles. Sempre andam de bicicleta e ainda trabalham e têm muitos amigos, saem com amigos. Têm uma vida cheia de coisas. Mas fiquei impressionada com as pessoas da mesma idade que jogam vôlei. São mais ativos e têm que mover os corpos muito mais do que meus pais fazem”.

A percepção sobre o bairro de Copacabana também esteve presente na fala dos entrevistados. Marcelo disse que pretende envelhecer no bairro, mas ressaltou que apenas no Posto Seis. A orla da cidade do Rio de Janeiro é composta por 27 postos de salvamento. As praias de Copacabana e do Leme apresentam seis postos, porém, o posto de salvamento número seis não existe fisicamente. Os moradores do bairro denominam a região, que vai do Forte de Copacabana até o Posto Cinco, como sendo a região do Posto Seis. Na visão de Marcelo e também na de Carlos essa região do bairro se distinguiria das demais. Citaram, por exemplo, a prostituição na rua Prado Júnior, que fica distante da região do Posto Seis. Para Carlos: “Existem vários submundos em Copacabana”.

Carlos falou sobre a relação que o morador de Copacabana e o morador da Zona Norte mantêm com a praia. Para ele, quem mora em Copacabana gosta de praticar um esporte, conversar com os amigos, beber cerveja em um barzinho do bairro, entre outras atividades que privilegiaram a sociabilidade. Já as pessoas que não são moradoras – destacou as que moram na Zona Norte – viriam para a praia trazendo sanduíches e refrigerante, gostam de entrar na água e se bronzear. O foco do “copacabanense” seria o relacionamento com o

outro que a praia pode proporcionar. Enquanto isso, o foco do morador da Zona Norte é a praia em si, com o sol e o mar.

Perguntei para ele também onde seria melhor envelhecer, em sua opinião. Respondeu que em Copacabana, espaço que proporciona diversão 24 horas. Ele vai a bares, cinema, praia. Esse espaço proporciona diversas possibilidades de sociabilidade que ele acredita não encontraria na Zona Norte. No entanto, apontou ainda que o envelhecimento está relacionado com o estado de espírito da pessoa, não importando muito o bairro onde ela mora.

Estabelecendo outras comparações socioespaciais, Carlos afirmou que o carioca encontra os amigos em bares, na praia, na rua em geral. Já o paulista, convida os amigos para irem até a sua casa. O carioca é aberto, extrovertido, mas não convida para a sua casa. As relações são estabelecidas em sua maior parte nos espaços da cidade, como é o caso da praia. Levar uma pessoa para o ambiente da casa, do privado e do particular, significaria estabelecer outro tipo de relação que, na visão do entrevistado, não é comum ao carioca. No Rio de Janeiro há uma separação entre a casa e a rua que não haveria em São Paulo.

Roberto, morador de Ipanema, disse que só frequenta a praia e o vôlei de Copacabana, pois seus amigos estavam todos lá. Perguntei o que, em sua opinião, diferenciava os dois bairros. Apontou para um tema que abordei anteriormente, o sentimento de solidariedade entre os idosos: “A gente aqui se socorre. Se alguém passar mal, com certeza um colega... Já em outro lugar talvez não saibam nem aonde você mora, não podem nem avisar sua família”.

Como fez Carlos, também traçou comparações com outros bairros da cidade, mas nesse caso comparou Copacabana à Barra da Tijuca:

A Barra tem o mesmo defeito que Brasília. Não tem esquina. Não é um bairro para se morar. Ou melhor, é um bairro para se morar, mas não é um bairro para se viver. Eu, por exemplo, saio aqui, tem um supermercado ali, tem um açougue ali, tem um sapateiro ali. Tem um botequim aqui, se eu quiser beber eu tenho amigo em algum lugar com quem eu possa beber. Se chegar na Barra da Tijuca em dia de semana e disser: “Bom, vou tomar uma cervejinha”. Não vai encontrar ninguém.

## Considerações Finais

A proposta deste artigo foi analisar um ambiente do bairro de Copacabana aonde os idosos se encontram. A rede de vôlei foi o local escolhido. Destaco o fato de ser um ambiente em que jovens e idosos se relacionam de forma espontânea e de se localizar em um espaço público do bairro, mas que também apresenta características de privado, visto que a licença para o jogo é paga e um grupo determina quem pode e quem não pode jogar.

A realização de entrevistas, conversas e observação dos jogos me permitiu analisar algumas dimensões sobre o envelhecimento e também sobre a percepção do bairro de Copacabana. A praia do bairro é percebida como um espaço que proporciona inúmeras possibilidades de uso e de sociabilidade. O jogo de vôlei é apenas uma delas. A atividade

lúdica é vista pelos entrevistados como uma forma de se esvaír da vida real: o fim de semana é o momento de extravasar, jogando vôlei e depois bebendo cerveja com os amigos.

O jogo apresenta a seriedade da competição – todos querem ganhar – mas também a importância do relacionamento – a amizade vem em primeiro lugar. Assim, para aqueles que participam da rede é muito importante que os integrantes sejam amigáveis. Por essa razão, o participante considerado inconveniente tende a ser afastado do grupo. Constantemente, procuram integrar novas pessoas, que devem por sua vez chegar até o grupo aos poucos, observando, frequentando e então sendo integradas.

A prática do jogo de vôlei é passada de geração a geração, por isso não é raro observar um jogador de 18 anos jogando com um de 80 anos, por exemplo. A idade não é um limite para poder praticar o esporte, apesar de alguns considerarem que em alguns momentos ela atrapalha. No entanto, todos concordam que o jogo requer vigor físico e ao mesmo tempo inteligência, maturidade e experiência.

Analisar os usos do espaço da praia de Copacabana parece ser fundamental para uma melhor compreensão do bairro e da percepção que os seus moradores têm sobre ele. Procurei neste artigo compreender o que os idosos, cerca de um terço da população do bairro, buscavam ao frequentar esse espaço nos fins de semana e também como eles descreviam o bairro e o envelhecimento.

### Referências bibliográficas

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1991.

GASTALDO, Édison Luis; BRAGA, Adriana Andrade. Corporeidade, esporte e identidade masculina. *Estudos Feministas*, Florianópolis: 19(3), setembro-dezembro/2011.

GOLDENBERG, Mirian. *Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

MATOS, Marcelo da Cunha. Praias cariocas: de locais de saúde a complexos de entretenimento – uma análise comparada entre a transição dos séculos XIX e XX e a transição dos séculos XX e XXI. IN: *XII Encontro Regional de História*, Rio de Janeiro, 2006.

PEIXOTO, Clarisse. A sociabilidade dos idosos cariocas e parisienses: em busca de estratégias para preencher o vazio da inatividade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, SP, v. 27, p. 138-149, 1995.

VIANNA, Hermano. *O mundo do funk carioca*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1997.

Enviado em 25/04/2012